



CAPRICORNIO

O REGRESSO E O CANTO

POR

FERNANDO COSTA ANDRADE

32

CADERNOS CAPRICÓRNIO

*destinam-se a revelar e a divulgar
temas e autores do mundo tropical
de expressão portuguesa.*

LUCIO LARA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

PUBLICADO :

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque
- 2 — TEMPO DE CHUVA — Alda Lara
- 3 — IRMA HUMANIDADE — Jorge de Macedo
- 4 — FILIPE CABEÇA DE PEIXE — Manuel Ferreira
- 5 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benúdia
- 6 — TEMPO DE CICIO — Jofre Rocha
- 7 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVÓ KIALA — Aristides Van-Dunen
- 8 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emília Roby
- 9 — DESTERRO DE MIM — Lygia Salema
- 10 — O NASCIMENTO DE GÊMEOS ENTRE OS «AMBOS» — Maria Helena de Figueiredo Lima
- 11 — RECADO PARA DEOLINDA — Afonso Milano
- 12 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
- 13 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 14 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 15 — TEMPO DE ANGUSTIA — Alberto de Oliveira
- 16 — A-CHAN, A TANCAREIRA — Henrique de Sena Fernandes
- 17 — O JANGADEIRO — Albano Mendes de Matos
- 18 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Cinatti
- 19 — «MESTRE» TAMODA — Agostinho Mendes de Carvalho
- 20 — RESIGNAÇÃO — Aristides Van-Dunen
- 21/22 — O CANTO DO MARTRINDINDE — Ernesto Lara Filho
- 23 — MEMÓRIAS E EPITÁFIOS — Mário António
- 24 — DUAS ESTÓRIAS — Luandino Vieira
- 25 — POEMAS — Viriato da Cruz
- 26 — O CURUMIM AMAZÓNICO — Maria Natividade Cortez Gomes
- 27 — ASPECTOS SOCIAIS E ECONÓMICOS DA VIDA QUIOCA — José Redinha
- 28/29 — POEMAS — Agostinho Neto
- 30 — CRIOLISMO E MULATISMO — Orlando de Albuquerque
- 31 — PAPA, COBRA E EU — Luis Bernardo Honwana
- 32 — O REGRESSO E O CANTO — Fernando Costa Andrade

CAPRICÓRNIO

C. P. 364 LOBITO
ANGOLA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

O REGRESSO E O CANTO

FERNANDO COSTA ANDRADE

LOBITO, 1975

Fernando Costa Andrade, nasceu no Lépi em Abril de 1936

Publicou :

Terra de Acácias Rubras — C.E.I. — 1961 — Lisboa (esgotado)

Tempo Angolano em Itália — Ed. Felman Rêgo — 1963
S. Paulo (Brasil) (queimado em Abril de 64 após o
golpe de estado).

Armas com poesia e uma certeza — Serviços de Cultura do
MPLA — 1974 (esgotado)

Cresce, avança e vence poder popular
para que o povo possa
crescer, avançar e vencer.

ARQUIVO L. LARA

1.ª CANÇÃO DO REGRESSO

Não era assim
mas regressámos...

Vestidos unicamente da ideia,
abertos como dalias matinais
oferecemos a nudez da chaga
cicatrizada ao primeiro abraço.

Regressámos
felizes por trazer o sonho

e encontramos povo
pai e mãe
camaradas
e amigos
o rosto ainda tatuado
pelos 14 anos
da nossa realizada idade.

Não era assim
mas regressámos

e encontrámos
quantos correram apressados
quantos vestidos da bandeira
que proclamavam recusar,
quantos sempre vestidos
de apátridas ventosas
e do culto autêntico da violência
e encontrámos companheiros
já também esquecidos
que morreu pátria
pe'a pátria que hoje vivem
e companheiros esquecidos
na formatura inicial
para a glória dos nomes reunidos

nos dedos duma só mão
e companheiros leais
e companheiros de pé
e companheiros atentos
e companheiros em marcha.

Não
 não era assim
 mas regressámos...

e vestidos do povo-ideia
companheiros atentos
havemos de lembrar!

2.^a CANÇÃO DO REGRESSO

Eramos todos grãos do mesmo sal
e era nossa a veia e o suor
a palavra é a canoa
a fogueira das esperanças da raiz telúrica

... e quando a chuva carpiã alguma queda
e quando a chuva acariciava um passo dado
eram nossos até os que negaram
e nosso o não com que os vencemos.

Tão nosso que era nosso o povo inteiro.

E por ser nosso o sangue que se ergueu
cimento do combate pelo povo livre
hoje que as areias se dispersam
e renasce o capim sobre os caminhos
e se esquecem do sabor do salalé,

não queremos neste pátio circular
do nosso esforço
os dois degraus que nos separam
de tudo o que era também nosso.

Queremos, companheiros,
Nós queremos!

3.ª CANÇÃO DO REGRESSO

Agora que muitos se sentaram
e recordam o rumor da guerra
em qualquer concha a decorar a sala
Tukayana anda descalço
como há 14 anos,
Lukamba continua a tossir
aquela tosse funda
como o eco distante
dos obuzes de morteiro
que ajudou a carregar...

e sente-se orgulhoso porque andou na mata
e sente-se honrado porque morreu em cada camarada,
acredita viver com todos os que vivem...

mas tosse cada vez mais fundo
porque não sabe que está morto
nos louros de qualquer sala,

tosse cada vez mais fundo

mas não esqueceu os caminhos
que pisou na mata.

4.º CANÇÃO DO REGRESSO

Chimixi voltou
trouxe consigo o homem novo.

Respondeu com um sorriso ausente
às perguntas sobre a fome
o esforço e a miséria...

Queria falar de luz
de mãos abertas
porque aprendeu lutando
que fome, esforço e sacrificio
são recordações íntimas
da própria realização.

O sacrificio foi de todos...

Queria falar de vida
rodas dentadas
carris
feixes de massango
enxadas
e manuais de alfabetização.
Falar de vigilância
camarada, o povo que o escuta.
Explicar
porque é que há picos
nos figos das piteiras,
e no caminho longo,
alguns já anteviam
a habitação dos seus caprichos
ainda que os degraus fossem o povo.

O povo, lagoa de nenúfares
floriu calmo
raizes emergindo das idelas...

Chimixi é o povo
que regressa à vida.

5.ª CANÇÃO DO REGRESSO

Regressámos

Sawajila, Liberdade, Orlog,
Bu'a, Popular, Xyetu,
Musole, Luiny, Rosina,
Elavoko, Onambwe, Kambembe,
Luta, Sangue, Ozenga,
Kwenha, Kayovo, Mutilado,
Ferido, Herói, Ngunga,
União, Sofremos, Mwandoji,
Valódia, Camponês, Manuelito,
Jota, Veneno, Operário,
Kitwa, Irene, Deolinda,
Estrela, Mussenda, Maria,
Maio, Mário, Jacinto,
Kele, Ngangula, Pepe,
Tiro, Angolano, Samayonga,
Nдалu, Pioneiro, Guerrilheiro,
Camarada, Comissário, Comandante,
Presidente, Povo, Povo,
Povo, Povo, Povo,
Povo, Povo, Povo...

Regressámos!

(Porquê que se destroça
o movimento que se move?)

Atenção!

Firme!

Sentido!

A luta continua!

Fevereiro, 75

ELEGIA PARA JOAQUIM DOMINGOS

(Comandante VALÓDIA)

PRIMEIRA

Não foram capazes de esmagar
o café contratado negro
dos meus braços.

Permaneceu em mim
para multiplicar o esforço
a vida dos meus companheiros
assassinados.

Não vergaram as palmeiras da minha confiança
ao vento de fogo que me queimou
o corpo.

Não calaram a rouca voz
da minha dilacerada juventude
sequer o coro dos corvos
e dos sardões de sol cercado.

A traição despedaçando-me o corpo
não me dominou o gesto
e não venceu
o povo e a ideia e o poder

e ao prostrar-me eterno sobre o areal
espalhou ao vento para que viva
mais uma bandeira da certeza.

SEGUNDA

Só as borboletas fazem escolta
armadas do perfume dos maracujás,
o sol baixou às ruas arenosas
para transportar o ataúde vertical
e não há na multidão um só murmúrio
nem o verso veste o luto que há na praça
não há sequer um capitão de névoa
só as mães enviuvadas pela guerra
arfam no peito o olhar do comandante que repousa.

TERCEIRA

eu quero ver a minha filha
de dois meses,

e não importa que as formigas
levem séculos a atravessar o Loge

eu quero ver a minha filha
de seis meses,

e não me esqueço que o paiol
tem de explodir ainda

eu quero ver a minha filha
de dois anos,

e não pe importa que em catadupas
o suor alague a frente de combate

eu quero ver a minha filha
de sua tenra idade

e não me importa a vida sem colmeias
que a terra sem colmeias não é livre

eu queria ver a minha filha
que tanto queria ver e amo

mas por oferecer um favo a cada boca
a morte, deu-me à vida sem depois.

QUARTA

Não se desfaçam gaiotas
contra o mar picado.

Não se nublem os olhos
da estrela solitária
sobre o rubro negro.

Não invoques para chorar
o nome de teu pai
levado a sepultar
na areia quente.

não lhe repitam os feitos
com o rosto grave
vincado pela dor do camarada
que recorda.

Não se despeçam da esperança
por causa do desespero
das pústulas violentas
da provocação.

Não se desmuronem as muralhas
só porque a fraqueza
rasgue bandeiras e cartazes.

Não permitam espaços entre as ideias
só porque o vazio
se aproprie de palavras nossas.

Não fechem as portas de luandos
só porque trazem botas fraticidas
e ameaças nas palavras traduzidas.

Não desmobilizem as buganvílias.

Não consintam ao zinco cremar a decisão.

Não perfillem em parada os catituís e as avencas.

Não enalteçam as medalhas e as estátuas.

Não parem os portos nem escureçam as noites.

Não caíem as dicanzas nem arrefeçam os musseques.

Não abandonem os livros nem as argamassas.

Não desalentem os braços nem sequem as barragens.

Não apaguem as manchas de sangue do quadrado.

Não adormeçam as memórias.

Não cessem as gargalhadas no encontro.

Não irrite as mulembas.

Não amansem os leões e os pirilampos.

Não transformem os relógios em comandos.

Não proibam o trabalho de pensar em foices.

Não impeçam que os martelos cantem.

Não temam a autenticidade car/dada.

Não tenham medo da sombra,

para dizermos sim com as mãos limpas

ao musculo em flor do poder popular

Fevereiro, 75

Ac-01
3359